

**UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**LICAELLE GERONIMO ROCHA**

**EDUCAÇÃO FÍSICA E DIVERSIDADE SEXUAL**

**JUAZEIRO DO NORTE  
2016**

**LICAELLE GERONIMO ROCHA**

**EDUCAÇÃO FÍSICA E DIVERSIDADE SEXUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Campus Saúde, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Educação Física, Artigo Científico.

Orientador: Prof. Esp. Pergentina Parente Jardim

JUAZEIRO DO NORTE  
2016

**LICAELLE GERONIMO ROCHA**

**EDUCAÇÃO FÍSICA E DIVERSIDADE SEXUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Leão Sampaio, Campus Saúde, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profº Esp. Pergentina Parente Jardim  
Orientador (a)

---

Profº Esp. Éricka Maria Pereira Sobreira de Araújo

---

Profº Esp. Jeniffer Kelly Pinheiro

JUAZEIRO DO NORTE  
2016

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a todos aqueles que morreram pela incompreensão sofrida pela família e sociedade por não compreenderem que a homossexualidade não é uma escolha.  
Dedico a Matheus Joaquim, a fim de que se torne um cidadão de bem, consciente de sua importância para um mundo melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a força celestial e mística que me guiou a continuar essa jornada sempre me inspirando a cada novo amanhecer. Agradeço a minha mãe que apesar de todas as diferenças existentes nunca me abandonou e sempre me instigou a perseverar em busca de um mundo melhor. Agradeço a todas as minhas professoras, desde o ensino infantil que contribuíram para que hoje eu chegasse até aqui. Agradeço a todos aqueles que de alguma forma incentivaram e me ajudaram nessa dura e árdua caminhada. Agradeço a Mariáh Alexandria que sempre dispôs a lutar comigo e me ajudar a conquistar todos os meus sonhos. Edilania Sobrinho que sempre esteve comigo nos piores e melhores momentos. A Lucas Frutuoso por ter sido sempre positivo e me mostrar a cada dia que vale sim a pena lutar, que a felicidade está aí para ser vivida. Agradeço a Matheus Joaquim pelo simples fato de existir, me amar e saber que o amo acima de qualquer coisa. Agradeço a meus professores da Unileão que sempre estiveram dispostos a ajudar. Minha orientadora Pergentina Jardim que tanto admiro. Muito obrigada por toda ajuda e dedicação. Sem vocês nada disso seria possível.

## EDUCAÇÃO FÍSICA E DIVERSIDADE SEXUAL

<sup>1</sup>Pergentina Parente Jardim;

<sup>2</sup>Licaille Geronimo Rocha;

<sup>1</sup> Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.

<sup>2</sup> Discente do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.

### RESUMO

Diversidade sexual no Brasil ainda é sinônimo de “tabu” social devido ser um país tradicionalista, enraizado em preceitos religiosos mesmo sendo um país laico e democrático. Apesar de toda diversidade cultural, social e religiosa é comum vivenciar situações onde o preconceito e a intolerância ainda se fazem presentes. Falar sobre tal assunto nas escolas não seria diferente, porém apesar de toda dificuldade, existem autores que defendem a inclusão de assuntos ligados a sexualidade dentro da escola, mais propriamente nas aulas de Educação Física, através de aulas mistas, diálogos e políticas educacionais voltadas para a conscientização e formação a respeito do tema, visto que a Educação Física é uma disciplina do corpo e para expressão do corpo, voltada para o bem estar físico e também emocional dos alunos. Sendo assim, não se deve reprimir ações ou fazer separações sexistas, tirando assim a liberdade corporal do aluno e fazendo com que o mesmo se sinta diminuído ou constrangido por ser quem é. O objetivo da pesquisa foi verificar se os acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física da Unileão estão sendo preparados pela instituição para lidar com questões sobre sexualidade. Verificar se os acadêmicos julgam importante que se estabeleçam debates a cerca do tema em estudo e colher as opiniões dos acadêmicos a cerca da homossexualidade e diversidade sexual. As informações foram colhidas através de um questionário, com questões abertas e fechadas, a fim de proporcionar um melhor entendimento em relação às opiniões colhidas. Os alunos participantes da coleta de dados foram conscientizados de que sua participação seria optativa e sigilosa, onde suas identidades seriam expressamente resguardadas. Os resultados mostraram que a maioria dos alunos jamais participou de qualquer movimento dentro do Centro Universitário que lhes apresentasse conteúdo desse cunho. Poucos acadêmicos relataram não conviver com pessoas LGBT's e poucos disseram que não acham essa abordagem interessante para sua formação. Sendo assim, falar sobre diversidade sexual com futuros professores é imprescindível para tornar a escola um ambiente melhor e assim sendo, transformar também a sociedade aproveitando a conscientização que já existe. Os desafios citados podem e devem ser enfrentados e superados através de uma Educação Física inclusiva e sem discriminação.

**Palavras-chave:** Educação Física; Diversidade Sexual; Preconceito; Aulas mistas.

## ABSTRACT

Sexual diversity in Brazil is still synonymous with "taboo" social because being a traditionalist country, rooted in religious precepts even as a secular and democratic country. Despite all cultural, social and religious diversity is common experience situations where prejudice and intolerance are still present. Talk about such a subject in schools would not be different, but in spite of every difficulty there are authors who advocate the inclusion of issues related to sexuality within the school, more properly in physical education classes through mixed classes, educational dialogue and policies to awareness and training on the subject, because physical education is a discipline of the body and body expression, focused on the physical well-being and also emotional students. Therefore, one should not repress actions or making sexist separations, thus making the body freedom of the student and making it feel diminished or embarrassed by being who you are. The research objective was to determine whether the students of the Bachelor's Degree in Physical Education Unileão are being prepared by the institution to deal with sexuality issues. Check that scholars believe important to establish debates about the subject under study and gather the opinions of scholars about homosexuality and sexual diversity. The information was collected through a questionnaire with open and closed questions in order to provide a better understanding regarding the collected opinions. Students participating in data collection were aware that their participation would be optional and confidential, where their identities would be explicitly safeguarded. The results showed that most students never participated in any movement within the University Center to present them contents of this nature. Few students reported not live with LGBT people's and few said they did not find this interesting approach to their training. So talk about sexual diversity with future teachers is essential to make the school a better environment and thus also transform society taking advantage of the awareness that already exists. The aforementioned challenges can and should be addressed and resolved through an inclusive physical education and without discrimination.

**Key-Words:** Physical Education; Sexual Diversity; Preconception; Mixed classes.

## INTRODUÇÃO

Conseguir avanços relacionados à diversidade sexual no Brasil vai muito além do falar. É necessário intervir e agir. Esse processo implica em ampliar as percepções a cerca das diferenças existentes em relação diversidade sexual e respeito às minorias. Partindo do pressuposto de ser o Brasil um país tradicionalista enraizado em preceitos e doutrinas religiosas torna-se cada vez mais difícil conscientizar a sociedade de que a diversidade deve ser respeitada para o convívio harmônico de todos.

É comum verificar na sociedade distinção entre gênero feminino e masculino onde o preconceito predomina desde a infância quando a família e a sociedade impõem, por exemplo, que menino não pode usar rosa, porque rosa é cor de menina e menina não pode brincar de bola, pois bola é brincadeira de menino. Estereótipos desse tipo são formadores de consciências preconceituosas e machistas, o que faz com que se torne cada vez mais difícil ensinar preceitos de igualdade social independente de gênero e sexualidade.

Estudos realizados por Gonzáles (2014) apontam que no Brasil, nas últimas décadas houve um aumento na atuação da mulher em vários aspectos nacionais como a participação no mercado de trabalho, política, educação e cultura. Em contrapartida, apesar de todos os esforços realizados para que a cultura machista presente no Brasil seja erradicada, há sem dúvidas a luta para que haja a predominância masculina no poder social e consequentemente sejam mantidos preceitos tradicionalistas e preconceituosos na sociedade.

Santana e Cerqueira (2009) relatam que a superioridade masculina foi construída a partir da maneira diferente de se educar homens e mulheres, o que fez com que as atividades pertinentes a cada um fossem conferidas a ambos antes mesmo que pudessem se manifestar ou opinar. Não é de hoje que as mulheres são tratadas como inferiores e assim sendo exercem papéis secundários em relação aos homens em qualquer área que se disponha a contribuir.

Ainda de acordo com Santana e Cerqueira (2009) em 1920 foram criadas escolas mistas com o objetivo de acabar com o padrão de superioridade masculina e assim fazer com que a cultura machista fosse amenizada. Apesar dos esforços realizados até hoje as minorias sociais sofrem discriminações e são forçados a reprimir suas opiniões e condições como forma de se proteger de ataques realizados pelas majorias. Apesar da criação dessas escolas, o que se vê no cenário educacional são professores que apesar de ministrarem em escolas com propostas pedagógicas inclusivas, fazem uso de métodos educacionais ultrapassados que fazem com que ainda haja a discriminação por sexo, através de padrões preestabelecidos e estereótipos machistas discriminatórios que fazem com que, inclusive, tarefas sejam definidas de acordo com sexo.

Vilodre (2005) *apud* Ballaryni (1940) nos apresenta que existem esportes agressivos, em especial o futebol, que colocam em risco o caráter feminino da mulher, enquanto Chimelo *et al.* (2007) aponta que a agressão no contexto



desportivo é disseminado através da cultura social, presente em todas as sociedades e é através das culturas que os homens formam suas opiniões e as expõem, independente da forma como afetará o outro.

Sendo assim, ao chegar ao ensino superior, alunos e professores já possuem uma ampla bagagem adquirida por experiências não só escolares, mas familiares, religiosas e culturais que fazem com que o indivíduo forme dentro de si uma consciência muitas vezes machista e discriminatória, porém um estudo realizado por Altman (1999) aponta que os educadores estão cada vez mais engajados em fazer com que a educação reencontre os vínculos perdidos entre educação e humanização, a fim de fazer com que os alunos possam dentro da escola sentirem-se acolhidos, aceitos e respeitados durante as aulas, independente de qualquer diferença existente.

Este estudo busca expor a forma como a diversidade sexual vem sendo tratada no cenário educacional e mais precisamente no curso de Educação Física da instituição participante da pesquisa.

O trabalho de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental é importante, pois possibilita aos alunos terem, desde cedo, a oportunidade de desenvolver habilidades corporais e de participar de atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções. (BRASIL, 1997, p. 15).

Dessa forma, seria durante as aulas de educação físicas que os alunos poderiam expressar sua singularidade como forma de mostrar seu verdadeiro eu, sendo a escola e as aulas de educação física responsáveis por garantir esse direito de livre expressão corporal, a fim de reduzir os traumas e sequelas enfrentados por muitos que estão presos dentro de si próprio.

Porém, se os professores e futuros professores manifestam atitudes de desrespeito e falta de afetividade quando se deparam com questões de gênero e diversidade sexual, tornará cada vez mais difícil e doloroso modificar essa realidade.

Cerqueira (2009) apresenta em seu trabalho intitulado: “Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar” que apesar de conhecer os métodos coeducativos estipulados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, como forma de modificar os atuais métodos educacionais da Educação

Física os professores da área ainda optam por métodos segregatórios que fazem com que haja a presença de estereótipos cismáticos que fazem com que a discriminação de sexos se torne ainda presentes nas aulas de educação física e sendo assim, se torne ainda mais difícil a aceitação e respeito a diversidade sexual durante as aulas de educação física.

Daolio (1996) defende uma educação física de aulas mistas, sem a separação por sexo onde seriam divididas aulas para meninos e aula para meninas, mas uma aula onde todos pudessem participar de igual para igual e serem respeitados em sua singularidade.

Faz-se necessário uma mudança não apenas teórica sobre as aulas de educação física, mas de atitude em relação à postura dos professores e futuros professores da disciplina, em que os mesmos saíam do comodismo e passariam a se engajar e tomar ciência de sua função perante a formação da cidadania de seus alunos e sua influência na formação de cada um. Meninos e meninas, independente de sua identidade de gênero, podem e devem conviver em harmonia, com respeito a individualidade e assim sendo capazes de modificar a sociedade ao seu redor fazendo com que o preconceito causado pela alienação social sejam extinguidos da sociedade.

Pode-se observar diversas mudanças na organização da sociedade moderna, o que alguns autores indicam que estamos caminhando para um era pós-moderna (Cunha; Andrade 1996 apud Derrida *et al.* 1967).

Cunha e Andrade (1996) apontam que as minorias estão cada vez mais importantes e influentes na sociedade atual, fazendo com que a sociedade se organize de forma diferente, movimentando os âmbitos culturais e políticos.

A homofobia é uma prática abusiva que provoca discriminação em relação à minoria da classe LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros). Os tipos de discriminação variam e são cada dia mais violentos, fazendo com que a exclusão das pessoas que fazem parte dessa classe se sintam cada vez menos respeitadas e representadas, apesar de todas as lutas pela visibilidade da comunidade LGBT (FEITOSA; LAGE, 2009).

A finalidade da pesquisa é verificar a visão de alunos do curso de educação física da Unileão sobre as formas de convivência com os alunos LGBT's da universidade; diagnosticar as formas de convivência entre a comunidade LGBT da universidade em relação às outras pessoas que compõem o corpo docente e

discente. Verificar se já foi presenciado dentro da universidade discussões a respeito do preconceito contra a diversidade sexual, relatar se na comunidade acadêmica existe políticas que visem diminuir preconceitos contra a comunidade LGBT.

Sendo assim, abordar a diversidade sexual em um curso de formação superior para futuros professores com profissionais da educação que entendem sua função quanto formador social é de grande importância, pois é através da construção de consciência educadora que a educação alcançará níveis mais elevados e igualitários. Portanto, o levante dessa temática faz com que o “tabu” a cerca do tema se torne cada vez menor, pois através da educação e políticas publicas pode-se conscientizar a sociedade escolar a fim de fazer cidadãos melhores para o futuro.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A pesquisa é qualitativa e quantitativa, pois busca evidenciar as opiniões das pessoas a cerca do tema abordado e quantificar os resultados de maneira exata, a fim de mostrar resultados significativos para a área de estudo, levando em consideração a liberdade de expressão e respeito.

Para o embasamento comprobatório dessa pesquisa foi utilizado o método qualitativo, através da comparação e interpretação. As opiniões foram registradas através de um questionário elaborado de acordo com as normas do conselho de ética, para que não ferisse sem intenção o direito de liberdade de expressão dos participantes, bem como sua integridade física, moral ou até mesmo o anonimato de cada um que se dispuser a contribuir.

A pesquisa foi realizada com 130 alunos da comunidade acadêmica do curso de educação física, ambos do sexo masculino e feminino, sem que houvesse nenhum tipo de exclusão e permitindo a cada um participar ou não da coleta de dados para o estudo. A coleta de dados foi realizada no período noturno, horário em que os alunos estavam na universidade.

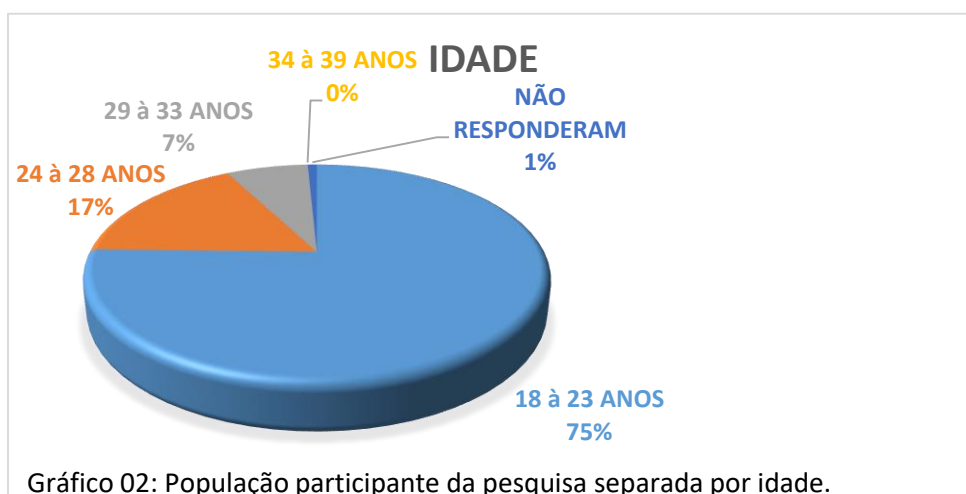
## **RESULTADOS**

A pesquisa foi realizada com 57 pessoas do sexo feminino e 73 pessoas do sexo masculino, totalizando uma amostra de 130 pessoas, em conformidade com a quantidade de acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação física da universidade que se dispuseram a responder o questionário. Os resultados obtidos

em relação à idade mostraram que a população participante em sua maioria são jovens com idades de 18 a 22 anos, seguidos de pessoas com 23 a 27 anos e ainda pessoas com 28 a 32 anos. Não houve a participação de pessoas com idades de 33 a 38. Apenas 1% da amostra não respondeu a pergunta em relação à idade.

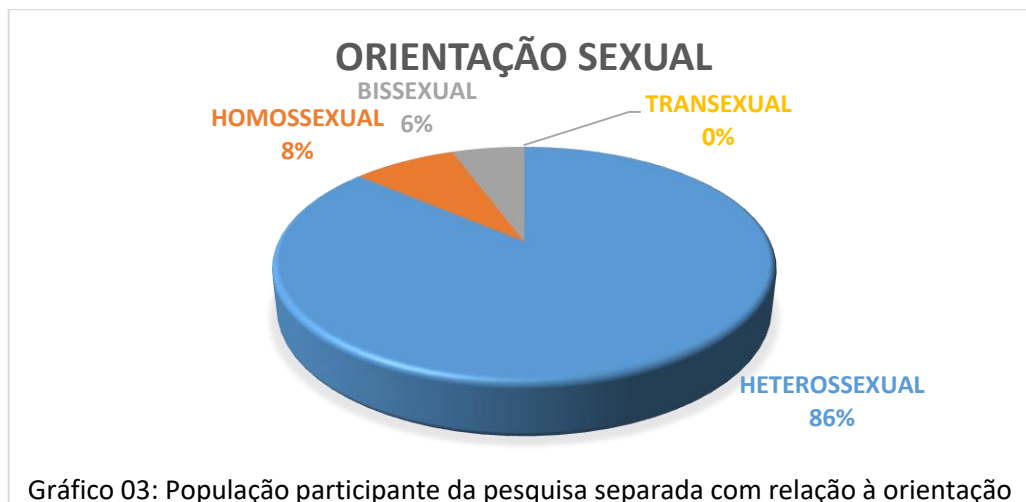


Fonte: Dados da pesquisa 2016



Fonte: Dados da pesquisa 2016

O resultado exibido abaixo expõe em números a orientação sexual dos alunos que responderam a pesquisa. A indagação a respeito da orientação sexual foi colocada aos alunos como optativa, a fim de nenhuma forma causar desconforto ou transtorno aos participantes, pois sendo assim, 86% da população tem uma orientação heterossexual, 10% se declararam homossexuais, enquanto 6% dos participantes se disseram bissexuais e não houve nenhuma declaração de transexuais.



Fonte: Dados da pesquisa 2016

Assumir-se em uma condição fora da heterossexualidade em um país rico em preconceitos gerados por desigualdades de classes como o Brasil se torna cada vez mais difícil. É comum verificar na sociedade discursos preconceituosos demonstrados por palavras duras e cheias de ódio que tem como intuito ferir a dignidade e liberdade de expressão do outro apenas pelo fato de não seguir doutrinas tradicionalistas impostas pela sociedade, ditadas principalmente pela religião em sua maioria cristã.

Diariamente em discursões a respeito da sexualidade, independente do local onde a mesma ocorra, pode-se presenciar frases como “Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem”, frases ditas sem levar em consideração a liberdade religiosa, cultural e sexual que são garantidos pelos direitos humanos e pela constituição nacional. Não se leva em consideração que o estado é laico e sendo assim a religião não deve interferir na maneira de viver do cidadão. A condição sexual “não aceitável” do LGBT, não fere o direito de nenhuma outra pessoa exercer seus direitos e obrigações enquanto cidadão, portanto não deveria esse tema ser tratado como um “tabu” perante a sociedade.

O preconceito com pessoas homossexuais, bissexuais e transexuais na maioria das vezes começa em casa, quando ao invés de proteger e cuidar para que os direitos do familiar sejam garantidos como cidadão, pais, mães, irmãos, tios, tias, primos são na maioria das vezes os primeiros a pronunciar palavras preconceituosas contra o LGBT. Schulman (2009) aponta que as famílias preferem manter os homossexuais em circunstâncias desvalorizadas do que ouvi-los e aprender com suas experiências, e que pessoas com maior visibilidade social como

políticos que tem filhos homossexuais preferem esconder a sexualidade dos filhos a exaltá-los pela coragem de assumir sua condição.

O Brasil é cercado por diversidades religiosas, porém o cristianismo predomina na maioria das vezes e apesar de ser o Brasil um estado laico, a religião influencia diariamente nas formas de se educar dentro da escola.

As ideologias políticas e religiosas que temos não se podem sobrepor às estratégias de ensino, uma vez que o bem da coletividade e do ensinar a "pensar certo" devem ser a prioridade do docente. A criticidade deve também ser incentivada, uma vez que para a prática do professor tem-se que observar o cotidiano de forma ampla e crítica, pois a verdade dos fatos deve ser enfatizada e devemos propor essa discussão nas escolas. (SIMÕES NETO; JARDIM; OLIVEIRA, 2016. p. 20).

O próximo gráfico mostra a quantidade de pessoas do Curso de Licenciatura em Educação Física que convivem com pessoas LGBT's dentro do Centro Universitário. 97% das pessoas responderam que convivem com pessoas LGBT's, enquanto apenas 3% responderam que não convivem.

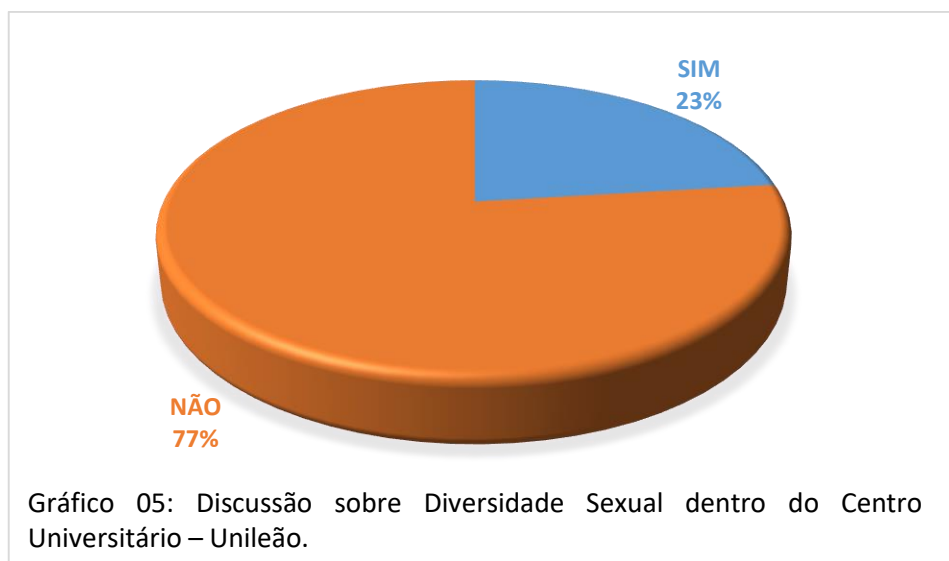


Fonte: Dados da pesquisa 2016

Por mais que a quantidade notável de LGBT's dentro de escolas seja pequena, o número de pessoas que fazem parte desse grupo é existente e crescente, porém as atitudes de discentes, gestores e até professores faz com que essas pessoas não se sintam a vontade em se manifestar e acabam por muitas vezes presas dentro de si, devido temer a realidade muitas vezes preconceituosa já vista ou vivenciada. Tal sentimento também se faz presente na universidade onde muitos preconceitos estão acobertados por falsos discursos moralistas que ofende e

oprime aquele que muitas vezes já se sente diminuído por trazer desde sua casa e escola uma bagagem com resquícios de incompreensão e desrespeito.

Um dos fatos que mais chamaram atenção foi em relação ao discurso promovido pelo Centro Universitário a respeito Diversidade Sexual, pois 77% dos acadêmicos afirmaram jamais ter presenciado dentro da Unileão qualquer forma de se falar na temática abordada e apenas 23% dos alunos disseram que já viram manifestações desse cunho.



Fonte: Dados da pesquisa 2016

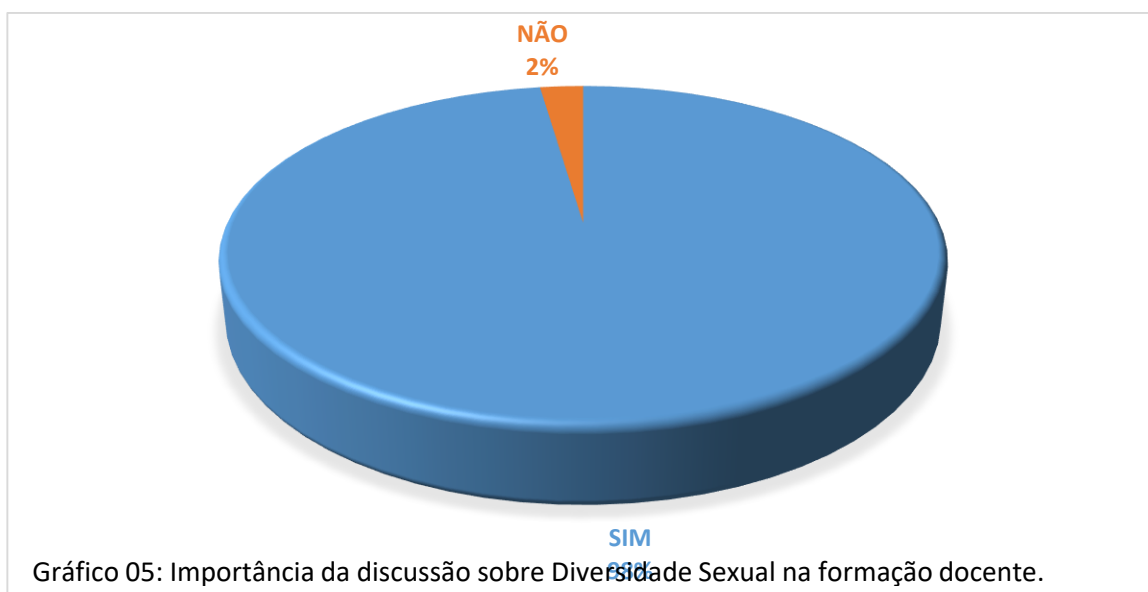
A quantidade de acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física que afirmaram nunca ter presenciado qualquer movimento relacionado à diversidade sexual dentro do Centro Universitário é bastante significativa, o que faz com seja dado um alerta para que sujam debates a respeito da temática a fim de conseguir uma maior sociabilidade dos acadêmicos com o assunto em estudo, visto que é dever da instituição contribuir para a formação cidadã dos acadêmicos.

De acordo com Grupo Gay da Bahia – GGB, somente no ano de 2010 foram registrados 260 assassinatos de gays no Brasil, o que intitula o país como campeão em mortes de homossexuais. Levando em consideração as informações divulgadas pelo GGB, torna-se cada vez mais importante se ter um discurso acadêmico pautado em conscientizar e preparar a comunidade acadêmica para questões de sexualidade, diversidade sexual, igualdade e identidade de gênero.

Não se pode permitir que em um país rico em cultura como o Brasil, professores sejam enviados à escolas sem preparação ou ao menos consciência de

seu papel e importância enquanto formador de opiniões e principalmente, formador de cidadãos.

Enquanto a maioria dos acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física da Unileão que participaram da pesquisa apontaram que não vivenciam dentro da instituição abordagens relacionadas ao tema, 98% dos alunos demonstraram que gostariam de discutir sobre diversidade sexual a fim de contribuir para a diminuição do preconceito e intolerância na sociedade relacionadas a essa questão e 2% dos alunos se mostraram contrários a inclusão dessa abordagem.



Fonte: Dados da pesquisa 2016

Falar sobre sexualidade em meio social é ainda algo turbulento devido às várias opiniões que podem, devem e são mencionadas. Somente a partir de debates pode-se chegar a consensos e respostas sobre diversos temas. Com a diversidade sexual não seria diferente. Falar sobre diversidade sexual, identidade de gênero e sexualidade dentro das escolas se torna cada vez mais necessário levando em consideração a relação que se deve existir entre sociedade, escola e família.

Dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação da Unileão, 98% se mostraram positivos em relação à inclusão desse tipo de discussão, enquanto apenas 2% demonstraram falta de interesse em relação à discussão. A seguir serão incluídas de maneira direta, duas das opiniões que podem contribuir significativamente para a relevância da pesquisa. Para preservar a identidade dos participantes, os mesmos serão nomeados como P1 e P2, podendo ocorrer o mesmo futuramente nos resultados e discussões de outras questões. Uma das



justificativas foi exposta com o seguinte discurso: “Não, da mesma forma onde não se enfatiza casos heterossexuais. Fazem parte da sociedade como qualquer outro cidadão.” Verifica-se que ao responder a questão dessa maneira não foi levado em consideração as agressões, desrespeitos e humilhações sofridas diariamente por pessoas da classe LGBT, pelo simples fato de não serem heterossexuais, o que não se vê de maneira invertida. Heterossexuais não são vítimas de violência física e psicológica por sua condição sexual.

Para P3 é “importante sim, porém a meu ver é um discurso familiar, deve ser abordado no meio familiar”. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, a educação é um dever da família e do estado (BRASIL, 1996). Falar sobre diversidade sexual é algo diretamente relacionado a educação, sendo assim, a escola pode e deve interferir de forma direta na educação e formação social do indivíduo de maneira positiva a fim de torna-lo um ser crítico, responsável e respeitoso em relação as diversas formas de ser e pensar do outro. Obviamente que a família e o estado devem estar cientes de seus papéis enquanto formadores e engajados a fazer com que as crianças e jovens possam se tornar pessoas também conscientes de sua importância para a formação de uma sociedade democrática e igualitária.

A questão que mais causou dúvida e discussão durante a pesquisa foi a de número cinco, onde os alunos poderiam se expressar a respeito da homossexualidade.

Das respostas obtidas, 31% dos alunos acreditam que a homossexualidade é algo genético, que as pessoas já nascem homossexuais, 12% dos alunos acreditam que é aprendida, depende do meio social em que se está inserido, 21% acreditam ser uma escolha, 25% disseram que é aprendida e genética, 9% afirmaram que não sabem expor sua opinião em relação a abordagem e apenas 2% deram uma opinião própria a respeito.



Fonte: Dados da pesquisa 2016

Em relação à homossexualidade, não existe comprovação científica a respeito. Dias (2000) aponta que para a psicologia a homossexualidade não é considerada como doença, algo hereditário e muito menos uma escolha consciente, mas sim um distúrbio de identidade, onde uma única pessoa pode assumir duas personalidades distintas, o que também não é comprovado cientificamente.

Ainda de acordo com Dias (2000), foi realizada recentemente nos EUA uma pesquisa científica que demonstra a homossexualidade como algo genético, ou seja, a pessoa já nasce homossexual e isso nada tem a ver com o meio social em que se está inserido, sendo assim não há maneiras de ser o contrário daquilo que se nasceu para ser. Na pesquisa também foi evidenciado que o hipotálamo, parte do cérebro responsável por determinados impulsos sexuais é menor que dos heterossexuais, com tamanho próximo ao hipotálamo feminino, o que comprovaria que a homossexualidade não parte de uma escolha pessoal ou de desvio de conduta, muito menos distúrbio de personalidade, mas sim de algo genético.

Viver em uma sociedade machista tradicional e optar por ser homossexual soaria como uma atitude masoquista, em que o indivíduo homossexual optaria pelo sofrimento e humilhação. Ser homossexual, bissexual, transexual nesse tipo de sociedade se torna cada vez mais difícil visto o crescente aumento de frentes conservadoras que tomam o poder no país a fim de incluir cada vez mais na sociedade seus preceitos e ideologias pessoais e religiosas que de forma direta ou

indireta prejudica significativamente a vida de cada pessoa que se comporta de maneira diferente da tida como “normal”.

Com os absurdos cada vez mais crescentes na sociedade referentes a violência contra homossexuais, a mídia através da televisão e das redes sociais, bem como algumas instituições de ensino lançam a cada dia campanhas educativas com o propósito de diminuir e futuramente erradicar a violência enfrentada por pessoas da classe LGBT, porém há também as frentes midiáticas e religiosas conservadoras que com seus discursos de conservadorismo fazem com que pessoas ainda tenham sentimentos ruins em relação a essa temática. No estudo que foi levantado, dos 2% que deram sua própria opinião acerca da homossexualidade, uma das respostas chamou a atenção pelo discurso que foi pronunciado. Ao responder com sua própria opinião, P1 ressaltou que a homossexualidade é “falta de vergonha, falta de orientação dos pais”. Esse tipo de discurso já foi pronunciado outras vezes através dos meios midiáticos por pessoas com forte influência social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com todas as informações que foram coletadas podemos concluir que a pesquisa se mostrou relevante para estudos de questões sócio educacionais, pois responde de maneira direta a questões de forte influência e impacto sobre um conteúdo ainda pouco explorado no meio social e com menos visibilidade do que deveria ter.

A pesquisa realizada pode servir como instrumento para que as instituições de ensino possam avaliar e planejar a melhor forma possível de abordar a temática, com aqueles estudantes que acreditam que há uma relevância importante em se falar sobre diversidade sexual dentro da universidade para prepará-los a lidar com casos que apareçam em suas salas de aulas, na instituição ou até mesmo fora do meio educacional.

Através dessa pesquisa poderão surgir cada vez mais estudos relacionados a diversidade sexual. Outro assunto que pode e deve ser abordado é a Identidade de Gênero, para que as pessoas se tornem mais entendidas em relação a essa abordagem. É importante diferenciar Diversidade Sexual de Identidade de Gênero, pois precisamos falar a respeito desses temas nas aulas de educação física.

## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. "Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar." **Cadernos Cedex**, 1999.
- ALTMANN, H. "Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero." **Cadernos pagu**, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física (1ª a 4ª série)**. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB – **Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96. Brasília: MEC, 1996.
- CHIMELO, P. M. C; NEVES, M. S. "Violência no contexto esportivo: Uma questão de gênero?" **Lecturas: Educación física y deportes**, 2007.
- CRUZ, M. M. S; F. Palmeira. "Construção de identidade de gênero na educação física escolar." **Motriz**, 2009.
- CUNHA, J. C. F; ANDRADE, V. M. "Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações." **Movimento**, 1996.
- DAOLIO, J. "Educação física escolar: em busca da pluralidade." **Revista Paulista de Educação Física**, 1996.
- DIAS, M. B. "União homossexual: aspectos sociais e jurídicos." **Revista brasileira de direito de família**, 2000.
- GONZALEZ, F. "Entre público, privado e político: avanços das mulheres e machismo velado no Brasil." **Cadernos de Pesquisa**, 2014.
- MOTT, L; ALMEIDA, C; CERQUEIRA, M. Epidemia do ódio: 260 homossexuais foram assassinados no Brasil em 2010. Disponível em:  
<http://www.ggb.org.br/Assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20Brasil%20relatorio%20geral%20completo.html>. Acesso em: 26 de outubro de 2016.
- PEREIRA, C. F; LAGE, A. C. "Diversidade sexual e o movimento LGBT no agreste pernambucano: ações educativas para a inclusão e transformação social." **Interfaces de Saberes**, 2012.
- SANTANA; CERQUEIRA. "Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar", **LEPEL/FACED da Universidade do Estado da Bahia e Universidade Federal da Bahia**, 2009.
- SIMÕES NETO; JARDIM; OLIVEIRA. Educação Física Escolar: Vamos Planejar? **São Paulo: Respel**, 2016.
- VILODRE, G. S. "Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades." **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 2005.

## APÊNDICES

### QUESTIONÁRIO

- 1) Sexo:  
☐ Masculino      ☐ Feminino
- 2) Faixa Etária:  
☐ 18 a 22 anos    ☐ 23 a 27 anos    ☐ 28 a 32 anos    ☐ 33 a 38 anos
- 3) Orientação Sexual (OPTATIVO):  
  
☐ Heterossexual    ☐ Homossexual    ☐ Bissexual    ☐ Transexual
- 4) Na universidade, você convive com pessoas LGBT's?  
  
☐ Sim      ☐ Não
- 5) Você já ouviu falar ou participou de algum movimento ou palestra em sua instituição de ensino que fosse voltada a combater o preconceito e homofobia?  
  
☐ Sim      ☐ Não
- 6) Enquanto futuro professor, você considera importante falar sobre diversidade sexual dentro da universidade para que esteja preparado quando essa questão surgir em sala de aula?  
  
☐ Sim      ☐ Não
- 7) Em sua opinião, a homossexualidade:
  - A. É genética, ou seja, já “nasce com a pessoa”.
  - B. É aprendida, ou seja, depende das experiências de vida das pessoas.
  - C. É uma escolha, ou seja, a pessoa opta por ser homossexual.
  - D. É genética e aprendida, ou seja, é o resultado da interação entre a genética e as experiências vividas pela pessoa.
  - E. Não sei.
  - F. Outra resposta: (especificar)

---

---

---